

## **Dos seres amados e amantes**

Outras obras poéticas do autor:

*Uma síntese sobre teses e antíteses*

*Teu cheiro é tua senha*

*Verso e reverso*

*O poeta e o pensador*

*Divagações poéticas*

*Viagens Insólitas*

*Verdades absolutas e suas inconsistências*

*Os fantasmas debaixo da cama*

*Insondáveis mistérios do sentir*

*Diálogos para a paz interior*

*Manual de instruções para o viver*

Luiz Roberto Bodstein

## Dos seres amados e amantes

*Poesias*



Título original: “*Dos seres amados e amantes*”  
Copyright © Luiz Roberto Bodstein, 2012  
Publicado pela PerSe Editora por licença  
do autor e detentor dos direitos autorais.  
Todos os direitos reservados.



Proibida a reprodução no todo ou em parte,  
por qualquer meio, sem autorização do detentor  
dos direitos autorais.

Fotocomposição, impressão e acabamento  
na PerSe Editora.

*A Salim Jabour, que pela primeira vez me descobriu poeta;  
a todos os seres amados; a todos os seres amantes;  
à ilusória certeza de que o amor de hoje seja o único;  
à eterna esperança de que o amor que se perdeu não se  
revele o último.*



## Prefácio

O ser... poeta.

Garantem que muitos vêm ao mundo com determinada missão. Uns veem na pessoa muitas das vezes a missão errada. Outros, porém, veem o lado certo. Sentem no fundo dos olhos da figura humana tudo o que ela é; O caminho a que veio; a beleza do espírito; a aura iluminada, criada por Deus.

E eu, um dia - entre mesas de um restaurante da vida - vi passar um poeta. E poeta é aquele que deixa fluir através da letra a sua alma, o seu viver, o seu talento. Poeta é; aquele que sentiu - e sente - a vida como um açoite a fustigar-lhe a sensibilidade. Este poeta, aquele de entre as mesas do restaurante, não passou despercebido por mim. Eu o senti assim

O tempo rolou todo. Os dias amanheceram e anoiteceram. De novo, num restaurante, lá estava o poeta de novo. Não me conheceu e eu não o reconheci inteiro, como da vez primeira. Novamente o tempo rolou e o dia do poeta e do seu “descobridor” (no espírito ou no interior) aconteceu. Como um poeta ele transformou um táxi em carruagem. Eu o “senti” mais de perto e o ser – sempre poeta – descortinou-se inteiro, mesmo forçando a “cortina”. O Poeta é um tímido, sua sensibilidade, não. É uma luta intensa.

Os dias em sua rolança passaram-se de novo, preparando sua “overdose”. E o poeta, em linhas lindas, de rimas e conteúdo, revelou-se quem era. Um Poeta! E “eu pecador” – o poeta não é – joguei-me todo. Abertamente. Claramente. Ele é o poeta, mas eu sou artista. Como artista eu sou o intérprete ou o que mata a sede de interpretar, com a água em forma de poesia, que o Poeta cria.

Completam-se? Fluem-se?

Não sei. Não sabem.

O Ser Poeta tem de mostrar-se inteiro: na voz, na interpretação e no sentimento.

O Poeta – este meu poeta – esconde-se atrás de suas obras. Das maravilhas de suas rimas e...

Canta a vida, o amor e a natureza nos versos que cria.

Ser Poeta é ser divino.

Ser divino é ser Luiz Roberto, o homem que tem a alma em forma de poesia. A poesia como a explosão de seu amor.

Ser Luiz Roberto; Ser Poeta; Ser humano.

Isto é você – POETA.

### ***Salim Jabour***

Colunista do Jornal do Valle  
Radialista da Rádio Stereosul  
Volta Redonda, 28.09.1989

Salim Jabour, expoente jornalista e radialista bastante conhecido em Volta Redonda, foi a pessoa que lutou para me convencer de que eu era um poeta num tempo em que eu me acreditava tão somente um consultor de empresas que se distraía escrevendo poesias. Com permanentes provocações em sua coluna no jornal local, e recados mandados ao vivo em seu programa de rádio dedicado à poesia, tornava públicos meus escritos que quase

geraram uma “guerra” entre nós por sua insistência em me fazer poeta (com a conivência de seus poetas locais mais celebrados em seu universo lírico) e minha resistência aberta por achar que aquilo tudo não passava de um recurso oportunista de um jornalista em busca tão somente de uma chance para ter mais notícias para sua coluna no jornal e seu programa radialístico.

Hoje o que escrevo assumiu proporções de bálsamo que mantém viva a minha alma e, de onde quer que esteja lá no andar de cima, Salim deve sorrir da minha tola resistência. O texto acima foi a apresentação espontânea deste livro que ele insistia em publicar, e que eu nunca permiti fosse concretizado enquanto ele pisou o planeta: minha primeira descrição como o poeta que ele tanto celebrou. As poesias “Overdose” e “Eu pecador” – que ele exaustivamente publicou de todas as formas que pôde e à minha revelia – eram suas preferidas. No momento em que o publico – 25 anos depois e somando-se aos outros quinze que ele nunca leu – resta-me tão somente devolver o carinho em forma de justa, humilde e póstuma homenagem.







## Sumário

<b>Prefácio</b> .....	7
Eu Pecador.....	13
Não te espantes.....	15
Lento anestésico .....	16
Desejo e realidade .....	17
Nave à deriva .....	18
Chama .....	20
O primeiro vôo .....	22
Vácuo .....	24
Poetas e loucos .....	25
Fusuê .....	26
Procura-se um amor .....	27
Naná .....	29
A sombra e a árvore .....	33
Passarinho .....	37
Sonho .....	39
Demência .....	41
Momento .....	42
Catavento .....	43
Existe uma cama .....	46
Do arco da velha .....	48
Colina do sol .....	49

Agora eu sei .....	50
Mágicas mãos .....	53
Caramujo .....	55
Desejo profano .....	57
Overdose .....	61

## Eu Pecador

Eu Pecador me confesso a ti, Senhor, pois que amo!  
E neste amor não há arrependimento.  
E vou cada vez mais profundo  
Em tudo o que puder tirar deste momento.

Eu Pecador te confesso, Senhor,  
Que no amar não sei ouvir palpites...  
Não sigo preceitos,  
Derrubo tabús, preconceitos,  
E vou além de todos os limites.

Eu Pecador, Senhor, se estou carente,  
Não meço espaços,  
Não nego abraços,  
Não poupo carícias!  
E me entrego por inteiro ao meu calor,  
E me sinto prisioneiro desse amor  
De mil malícias!

Eu Pecador, quando amo,  
Não me permito reservas,  
Nem recato que impeça o amor  
De aflorar à pele, de fazer-se alimento  
Em função do pudor.  
Nem me permito furtar-me  
Ao tormento que poderá sobrevir  
Quando todo esse momento deixar de existir.

Eu Pecador me entrego a ti despido,  
Mercê de tuas penas, posto que assim me expresso.  
E se morrer de amor me for tão grande crime,  
Oh Deus! Tudo isto que te digo ainda tem sentido:  
Eu me declaro, Senhor, teu réu-confesso!  
Sou culpado, e amo esta verdade:  
Vou seguir pecando,  
Vou seguir amando  
No tempo que me deixares  
Ou por toda a eternidade!

## **Não te espantes**

Não estranha todo o pranto posto em meus escritos,  
E nem te cause espanto os versos infinitos...  
É que tão grande amor, num sonho que se finda,  
Por mais que cause dor, perdura muito, ainda.